

## COTIDIANO E PRÁTICAS DE BRINCAR NOS CONTEÚDOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA\*

**Adele Suzana do Carmo Tavares**

Universidade Federal Pará - adesuzana@yahoo.com.br

**Clarice Nascimento de Melo**

Universidade Federal do Pará - mnclarice@gmail.com

### Resumo

Este texto trata do tema cotidiano e das práticas de brincar como conteúdos de ensino de história nos livros didáticos de história. Objetiva-se analisar o lugar e o sentido das ações cotidianas da sociedade brasileira presentes nos conteúdos do livro didático de história dos anos iniciais do ensino fundamental. A investigação privilegiou como objeto de estudo a Coleção Didática Ápis-História do 2º ao 5º ano. Utilizou-se como metodologia a pesquisa documental, procurando empreender a análise de conteúdo, a partir dos temas de estudo. Percebe-se que a inserção de temas relativos às experiências cotidianas nos conteúdos nos livros didáticos da disciplina resulta no privilegiamento de uma história que sempre existiu, mas que fora ignorada no passado pela história tradicional, que privilegiou uma abordagem essencialmente política e os grandes acontecimentos históricos. Destaca-se que abordar a temática do cotidiano é muito importante para a educação, em especial, para a história escolar, uma vez que se faz necessário incluir as pessoas comuns para dentro do processo histórico. Considerando a análise realizada, conclui-se que a prática de brincar é uma prática social cotidiana e que as mudanças teóricas na disciplina de História presentes na coleção didática acompanham as mudanças curriculares para este ensino. Logo, compreende-se que esta coleção se coaduna às novas orientações para o ensino de história e discute as questões relacionadas ao cotidiano, contrapondo-se a história tradicional.

**Palavras-chave:** Cotidiano. Práticas de brincar. Livro didático. Anos iniciais.

### Introdução

O tema cotidiano tem ganhado ênfase na historiografia brasileira. Considerar esta abordagem no ensino, em especial, na disciplina de História é um passo muito significativo para a história daqueles que por muito tempo foram excluídos da escrita tradicional da história. Inserir-la como conteúdo nos livros didáticos da disciplina,

---

\* Texto adaptado do relatório de pesquisa desenvolvido com o apoio do Programa PIBIC-UFPA.

resulta no resgate de uma história que sempre existiu, mas que fora ignorada, pois, conforme Fonseca (1993), a história tradicional privilegiou a história política e os grandes acontecimentos históricos abordados pela macro história até meados dos anos setenta do século passado. A Nova História contrapondo-se a essa história tradicional, problematizou, segundo Burke (1992), a história “vista de cima” e apresentou a necessidade da escrita de uma história “vista de baixo”.

Este estudo segue na direção da crítica a história tradicional e propõe como objetivo analisar o lugar e o sentido das ações cotidianas da sociedade brasileira, presentes nos conteúdos do livro didático de história dos anos iniciais do ensino fundamental.

Vistas como expressão das ações cotidianas, as práticas de brincar também são evidenciadas neste estudo, uma vez que se apresentam a partir das experiências sociais vividas por diversas pessoas de distintas gerações, classes sociais, gêneros, realizadas a partir das interações sociais.

Para dar conta da investigação a respeito da inclusão de temas do cotidiano no livro didático de história do ensino fundamental, foi realizada a pesquisa documental e o documento privilegiado para análise é a coleção didática *Ápis-História* do 2º ao 5º ano. A análise documental foi pensada em acordo com Le Goff (1990) que afirma que o documento não é inócuo, pois não é qualquer coisa que fica por conta do passado, mas uma marca da sociedade que foi produzida pelos que detinham o poder para ser lembrada. Por isso, segundo o autor “só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (p.545). Logo, para este autor o documento é:

Antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante aos quais continuou a ser manipulado, ainda pelo silêncio[...] O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. (LE GOFF, 1990, p. 547-548)

Considerando o que o autor enfatiza sobre o que seja o documento, compreende-se a importância de analisá-lo, ponderando sua produção e intenções.

Faremos isso apresentando um estudo teórico sobre o cotidiano e as práticas de brincar, e em seguida apresentaremos nossa análise relativa aos lugares e sentidos do cotidiano e das práticas de brincar na coleção didática.

### **As várias formas de conceituar o cotidiano e as práticas de brincar**

A descoberta de “outras histórias” vem favorecendo a temática do cotidiano nos últimos tempos, evidenciando-se uma preocupação da historiografia em abordá-la. Segundo Matos (2002) a vida cotidiana nos estudos históricos ganha força a partir da década de 60 com o estudo de Fernand Braudel e também com outros teóricos da Escola dos Annales. A autora afirma que a produção historiográfica do cotidiano buscou resgatar outras versões do passado, focalizando inicialmente a experiência de sujeitos históricos de diferentes etnias, classes e gêneros.

Apointa ainda, que a história do cotidiano é um espaço com um universo de tensões e movimento com potencialidades de confrontos, que não se pode afirmar que esta privilegie o estático, uma vez que tem mostrado todo o potencial do cotidiano como espaço de resistência à ação de dominação.

As transformações da contemporaneidade têm feito com que os historiadores se debrucem sobre os estudos da memória, o que ocasiona, segundo Matos (op. cit) “impactos na disciplina história, ampliando as inquietações sobre o cotidiano e favorecendo as pesquisas que contemplam a abordagem do urbano”. Sob esse olhar, os estudos históricos também entendem as cidades como espaços que condicionam diversas experiências pessoais e coletivas. Neste aspecto, a autora ressalta que a cidade tanto pode ser registro como agente histórico, destacando-se nesse processo de transformação:

A noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que além de sua experiência material, são codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos

processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. (MATOS, 2002, p. 35-36)

O conceito e significado do cotidiano também são apresentados por Agnes Heller (1970) que aborda a vida cotidiana como parte da construção da vida de qualquer homem, pois é a vida de todo homem. Nesse sentido, o homem, com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, tem participação na vida cotidiana, pois:

Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em sua intensidade [...]. (HELLER, op.cit, p. 17)

A autora afirma que desde o seu nascimento e por toda a sua vida, o homem está inserido em sua cotidianidade e aprende no meio em que vive os elementos da cotidianidade. A vida cotidiana revela-se como a verdadeira essência da substância social por estar no centro da história. Por isso, Heller (ibdem) destaca que “toda façanha histórica real torna-se particular e histórica devido a seu posterior efeito na cotidianidade”. Destaca, ainda, que na cotidianidade o homem é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico, uma vez que, ele sozinho nunca poderá representar a essência da humanidade, pois é fruto e expressão de suas relações sociais. Ou seja, o homem é sempre um humano-genérico por ser sempre a integração dele com o seu meio como também com outras diferentes integrações que se relaciona constantemente.

A vida cotidiana está carregada de escolhas e a maioria delas tem motivação heterogênea. Sobre essas escolhas, Heller (ibdem) comenta que as motivações particulares e genérico-morais se unificam e fazem com que a elevação acima do particular-genérico nunca se produza completamente como também nunca deixa de existir totalmente. A autora enfatiza ainda que a espontaneidade é a característica que domina a vida cotidiana, pois é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana, visto que caracteriza tanto as motivações particulares como as humano-genéricas.

A preocupação dos historiadores em abordar a temática do cotidiano na disciplina história, traz um ganho significativo para este ensino, pois é necessário incluir as pessoas comuns para dentro do processo histórico. Além disso, o resgate das práticas cotidianas possibilita inserir a história de experiências vividas por pessoas que integram diferentes grupos sociais, que ainda não se veem como sujeitos históricos.

Assim como nos estudos do cotidiano, muitas abordagens são apresentadas sobre as práticas de brincar, com diferentes formas de conceituá-la. Alguns comungam da mesma linha de pensamento, enquanto outros apresentam oposições em suas abordagens sobre a temática.

Bragagnolo, Rivero e Wagner (2013) dialogando com a ideia de Manuela Ferreira defendem a necessidade de mudar a visão sobre o brincar das crianças como uma preparação para o mundo adulto por outra que considere as ações das crianças como uma construção social. A partir dessa ótica, as autoras reconceituam o brincar como uma ação social e como recurso comunicativo das crianças. Para as autoras:

Brincar, nessa perspectiva, é um dos meios de realizar e agir no mundo, não apenas para se preparar para ele, mas usando-o como recurso comunicativo, com o objetivo de participar na vida cotidiana pelas versões da realidade que são feitas na interação social, dando significado às ações. (BRAGAGNOLO, RIVERO E WAGNER, 2013, p.2)

Outra forma de conceituar o ato de brincar é descrita por Carvalho e Santos (2013) que apresentam que o brincar pode ser visto como o meio que “a criança não só reproduz a sua realidade, como também recria esta mesma realidade a partir de suas vivências, interações com outras crianças, com os adultos, das histórias que ouve, do que lhe chega pela mídia, enfim, da leitura que ela tem do mundo e das coisas que a cercam” (p.4). Ou seja, por meio do brincar as crianças representam suas experiências vividas com as outras pessoas. Ainda destacam que:

Ao brincar, a criança representa, imita, inventa, (re)cria e (re)interpreta o mundo, revelando-nos o que ela é, demonstrando seus sentimentos, como vê a si e aos outros. No brincar ela é livre para se expressar e alçar voo rumo ao desconhecido, entregando-se á aventura da descoberta. O simbólico se faz presente no brincar,



por meio da criatividade e da capacidade imaginativa de quem brinca. Além de que pelo imaginário pode-se encontrar o sentido do brincar. (CARVALHO E SANTOS, 2013, p.4)

É perceptível, que o brincar apresentado por Carvalho e Santos (op. cit.) diverge do conceito defendido por Bragagnolo, Rivero e Wagner (op. cit.), uma vez que as primeiras se preocupam apenas em abordar o brincar como forma de representação, em que a criança imita, reproduz e (re)cria a sua realidade; ao passo que as segundas, consideram as experiências cotidianas vividas pela criança, demonstrando que o brincar é um processo de construção social e também comunicativo, pois através de tal prática a criança interage com o meio do qual faz parte.

Numa outra abordagem sobre a temática, Almeida, Cassimiro e Queiros (2013) não se detêm em conceituar a prática, mas em identificar os espaços destinados ao brincar de crianças da educação infantil, que são realizados tanto nos espaços da casa como da escola, sendo a brincadeira de faz-de-conta, a mais desenvolvida na casa, prevalecendo a representação de papéis sociais vivenciados historicamente pelos gêneros masculino e feminino, enquanto que na escola, tais brincadeiras representam mais o ambiente escolar.

Outro exemplo que aborda o espaço de brincar é visto por Carneiro (2013) que traz as crianças de Caetité/BA, elucidando que elas brincavam tanto na casa como também na rua, sendo o espaço das ruas o mais convidativo, pois o ambiente doméstico limitava as brincadeiras das crianças e era tido como o lugar das atividades domésticas desempenhadas pelas mulheres.

Para Maynard e Haddad (2012) a brincadeira é fundamentada e inspirada na cultura, pois é uma atividade em que a “criança compartilha e negocia com seus pares significados, regras e papéis sociais do meio em que está inserida”. As autoras enfatizam também, que:

As brincadeiras infantis privilegiam o espaço familiar da casa, do trabalho, sendo uma reprodução do mundo real que sofre transformações imaginárias por aqueles que o manipulam. A cada época, a cultura se modifica e se transforma e as crianças imitam, criam e participam da cultura de sua infância. É inevitável que ocupe um lugar de destaque nas suas brincadeiras infantis os papéis familiares, juntamente a outros papéis que se inserem no seio da família, como o de babá, de empregada doméstica, de médico,

professor, pois são as referências da criança na primeira infância, os quais são também estimulados pelos brinquedos que proporcionam a representação do mundo adulto. (MAYNART E HADDAD, 2012, p.16)

Gouvêa (2014) contribui com esse conceito ao abordar que na brincadeira, ora as crianças se envolvem pela sociedade e pela cultura, ora são produtoras desse processo. De acordo com a autora “a brincadeira é um dos meios que a criança pode dar significados às coisas e tornar possível a ampliação desta, como conhecimento produzido pela criança”. A autora busca fundamento teórico a respeito das brincadeiras em estudiosos que apresentam suas ideias sobre o tema, entre os quais: Benjamim, Vigotski e Brougère.

A brincadeira para Correia (2014) está presente em todos os lugares, uma vez que em todas as culturas, as crianças brincam. Um lugar, destacado por Weber e Carvalho (2014), é o ambiente hospitalar, onde o brincar “permite que a criança aprenda a lidar com suas emoções e tensões proveniente da sua situação e do contexto em que se encontra”.

Ponte e Sodré (2014) também recorrem à contribuição de Bougère, que afirma existir para cada tipo de brincadeira diferentes formas de apropriação, estando cada uma relacionada com elementos apresentados no espaço em que a criança vive, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. Portanto, para Ponte e Sodré (op.cit.) “o brincar é resultado do que a criança aprende socialmente, independente da delimitação do espaço”.

Outro conceito relativo às práticas de brincar é o de cultura lúdica, definida por Salgado, Ferrarini e Luiz (2012) “como um conjunto de costumes, regras, significações e experiências lúdicas quer sejam individuais, coletivas e geracionais”. Ainda segundo os autores a diversidade é uma característica da cultura lúdica, devido as diversas faces que assume conforme a idade, o gênero, a classe social das crianças e o contexto em que se realiza. Para tanto, eles trazem a contribuição de Bourgère que destaca:

Dentro da cultura lúdica infantil está inserida uma cultura lúdica adulta, que se materializa no conjunto das referências simbólicas destinadas às crianças e que são, também, por elas produzidas quando as interpretam e lhes atribuem outras significações. Tais referências são corporificadas nos produtos culturais disponíveis na

sociedade, diretamente ou não destinados e ofertados à população infantil, que abarcam as representações e expectativas dos adultos em relação às crianças, bem como os conhecimentos e as imagens sobre a infância que circulam em uma época e cultura determinadas. (BROUGÈRE APUD SALGADO, FERRARINI E LUIZ, 2012, p. 4)

Complementando esse conceito Salgado (2012) destaca que as culturas lúdicas produzidas pelas crianças são modos singulares de organização social concretizadas no interior dos grupos sociais. De acordo com a autora, brincando, a criança “define papéis, códigos e posições sociais que materializam seus modos de organização social”.

De modo geral, pode-se afirmar que grande parte dos estudiosos compartilha das mesmas ideias sobre essa temática, uma vez que estes apresentam em seus estudos a prática de brincar, a partir da relação da criança com o mundo que a cerca, ou seja, essa prática está ligada às experiências cotidianas dos grupos sociais dos quais a criança está inserida. Por meio das ideias expostas pelos/as autores/as é possível compreender a prática de brincar como resultado das interações sociais dos indivíduos representadas nas experiências e vivências que fazem parte de seu contexto histórico.

## **O cotidiano e as práticas de brincar na Coleção Didática Ápis-História**

Ao longo da Coleção Ápis seus autores Vesentini; Martins, Pécora (2011) se preocuparam em abordar a história dando ênfase ao cotidiano e às práticas de brincar e propõem um ensino/aprendizagem a partir do mais simples, apresentando ideias iniciais sobre determinado assunto para, posteriormente, avançar aos assuntos mais complexos.

### *Conteúdos do cotidiano*

A temática cotidiano é apresentada no livro didático de história de diferentes formas. A partir do livro do 2º ano inicia-se esta temática levando a criança a pensar sobre como ela é, para depois conhecer sobre o outro, e então, a pensar a respeito



das semelhanças e diferenças entre as pessoas, em que as crianças irão interrogar seus colegas de sala, como nos mostra o exemplo abaixo:

Somos diferentes uns dos outros. Mas também somos muito parecidos. Como você é? [...]

Faça a ele as perguntas a seguir e anote as respostas no caderno, com a orientação da professora.

a) Qual o seu nome? [...]

e) Qual é a brincadeira de que você mais gosta?

f) Você tem algum brinquedo preferido? Qual? (VESENTINI; MARTINS; PÉCORA, 2011, p. 11)

É válido de nota, que os autores da coleção ao levantarem a problemática acima, fazem uma ligação entre o cotidiano e as práticas de brincar. Logo demonstram entender que as práticas de brincar fazem parte das práticas cotidianas, e nesse sentido, dialogam com a compreensão da vida cotidiana vista por Agnes Heller (1970) como parte da construção da vida de qualquer homem, pois é a vida de todo homem. Ou seja, podemos afirmar que os autores do livro consideram as práticas de brincar como uma prática social que está inserida na vida cotidiana.

O livro mostra o cotidiano da criança de outra forma, como conteúdo, ao problematizar a temática a partir da vida diária da criança e da sua história, e ao refletir como as pessoas, os costumes, entre outros, mudam com o tempo.

Como sua mãe, sua avó, e até mesmo você, todas as pessoas mudam com o passar do tempo. Tudo se transforma com o tempo: lugares, objetos, costumes...

Ler, andar de bicicleta, nadar. Perder um dente de leite ou ficar careca! Com o tempo, aprendemos muitas coisas e mudamos bastante. (op. cit, 2011, p. 12)

É perceptível que o cotidiano abordado por Vesentini; Martins; Pécora (op. cit.) sobre as mudanças na vida e no espaço das pessoas está relacionado com o que Matos (2002) pondera, ao ressaltar que a história do cotidiano não privilegia o estático, uma vez que tem se mostrado todo o seu potencial como espaço de resistência à ação de dominação. Dessa forma, a criança também poderá perceber que as brincadeiras presentes no seu dia a dia se transformam.

A história da criança também é apresentada contando um pouco da sua história com informações contidas em documentos, como a sua Certidão de Nascimento, que trazem informações sobre o seu nome e a sua família. Mais centralmente, a história de cada um, aborda o cotidiano do aluno ao fazê-lo pensar em como a sua vida vem mudando ao longo do tempo e que nesse processo muitos fatos marcaram a sua história. Diante dessa percepção, o aluno começa a conhecer a história e os gostos de outras crianças, levando-o a perceber as diferenças entre a sua própria vida e a do outro.

O cotidiano também é exposto ao remeter o aluno aos lugares onde ele convive, como no assunto que aborda “Você e as ruas do cotidiano”, em que a criança é levada a se questionar:

As ruas que você percorre de casa até a escola são lugares que você conhece bem. Diariamente você vê pessoas, construções e veículos, participa do movimento, observa os acontecimentos. Essas ruas, tão familiares para você, fazem parte de seu dia a dia. Mas será que elas sempre foram do jeito que você conhece? (Idem, 2011, p. 46)

No exemplo citado, retomamos a ideia de Matos (op. cit.) quando destaca que os estudos históricos entendem as cidades como espaços que condicionam diversas experiências pessoais e coletivas, e observamos que os autores da coleção fazem essa conexão da cidade/experiências/pessoas quando conduz a criança a pensar nos lugares onde convive considerando o seu cotidiano.

No mesmo enfoque, o livro do 3º ano destaca o cotidiano com diferentes situações, ora problematiza-o a partir da vida do aluno considerando o presente, ora a partir do passado, e ora informando. Esse movimento é importante para que a criança pense a respeito do que será enfatizado posteriormente e assim compreenda o que mudou e o que permaneceu, como no exemplo apresentado como conteúdo acerca de “Imagens do passado”:

Hoje em dia quem anda pelas grandes cidades brasileiras nem sempre consegue imaginar como elas eram no passado. Em lugar das multidões apressadas e do trânsito intenso, as ruas eram marcadas pelo sossego, por poucas construções, pelo tráfego de bondes. O que mudou e o que permaneceu desses tempos?

Observe as fotos na página ao lado, a reprodução das plantas desse terreno, prestando bem atenção nos detalhes. (Idem, 2011, p. 56)

A temática em questão também é vista no conteúdo que trata sobre Lazer, cotidiano e história ao apresentar o cotidiano como informação histórica destacando alguns pontos que fazem parte do dia a dia das pessoas, como os brinquedos e as brincadeiras. Dessa forma, a criança é levada a perceber, por meio de fotografias, momentos que expressam o lazer de pessoas em diferentes épocas e que ao longo do tempo se fazem presente na vida das pessoas.

Finalizando, o livro aborda “O que mudou ao longo do tempo”, mostrando as mudanças que acontecem na sociedade através da ação do homem. Aqui, o cotidiano aparece com informações históricas expressando fatos que aconteceram no passado, sofreram algumas mudanças, mas que ainda hoje fazem parte da vida do ser humano, utilizando como exemplo, o conteúdo que conta uma breve história do pão. A partir desse conteúdo, a perspectiva em relação à criança é que ela veja o pão como algo que faz parte do seu cotidiano e comece a pensar como isso está relacionado com a história do Brasil, uma vez que este assunto lhe possibilita a ter uma série de informações a respeito do mesmo e a refletir que é um alimento presente não só em sua vida, mas igualmente, na vida de pessoas de diferentes locais.

O cotidiano não está explícito no conteúdo citado, mas nossa compreensão sobre ele, nos leva a considerar que o pão é um objeto que faz parte da realidade de vida diária da criança e está associado com o que Heller (op. cit.) comunga sobre o homem desde o seu nascimento e durante toda a sua vida aprender os elementos da cotidianidade no meio em que vive, ou seja, a partir da história do pão, objeto presente na vida cotidiana da criança, há uma percepção de que este alimento vem sendo consumido por muitas pessoas e existe até os dias de hoje, porque vem sendo repassado de família em família a sua apreciação.

Já no livro do 4º ano, em que se vai estudar a formação do povo brasileiro, o cotidiano será a referência da criança para que ela entenda e perceba as dimensões históricas deste país. Diante desse novo enfoque, a criança deve perceber as transformações que vem ocorrendo ao longo do tempo considerando o espaço que vive e as pessoas que participam de sua vida e de sua família, apresentadas por

meio do assunto “o município tem história”, que leva a criança a pensar sobre o seu município a partir de questões próximas a sua realidade.

No que tange as cidades, por exemplo, no assunto que trata sobre “A vida nas cidades”, os autores destacam os diferentes modos de viver nesse espaço destacando os costumes, os hábitos, valores, entre outros, que foram inseridos por diferentes pessoas que integram as cidades e que ao longo dos tempos vai sendo transformada. Ressalta-se aqui, as memórias das pessoas, que tem destaque na coleção, principalmente nas atividades propostas que buscam resgatar a memória dos integrantes da família das crianças por meio de entrevistas. Desse modo, a cidade é vista como um espaço de intensas transformações perpassadas por experiências pessoais e coletivas de inúmeras pessoas, e conforme Matos (op. cit) pode ser registro assim como agente histórico.

Verifica-se o cotidiano presente também no conteúdo que destaca modos diferentes de viver das pessoas, por exemplo, as que vivem nas cidades urbanas que são influenciados pela agitação das grandes cidades. Mais à frente, esse conteúdo é ampliado por meio de uma atividade que traz ilustrações sobre a rotina de duas famílias, em que se quer alcançar a percepção da criança sobre a forma de viver entre as duas famílias ilustradas relacionada com a sua própria vida.

E no livro do 5º ano, ao trabalhar a história do Brasil e das américas, o cotidiano é visto, principalmente, em atividades que auxiliam na compreensão das crianças sobre determinados assuntos, quando é proposto que elas pensem sobre a sua vida cotidiana para assim fazerem comparações com as questões mais amplas.

Em toda a Coleção Ápis-História do 2º ao 5º ano, pode-se evidenciar que a mesma segue a orientação curricular posta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) de História e Geografia que orientam para o ensino de história um trabalho em eixos temáticos, sendo observado que os dois primeiros livros (2º e 3º anos) abordam a História local e do cotidiano e os livros do 4º e 5º ano, a História das organizações populacionais.

### *As práticas de brincar no conteúdo didático*

As brincadeiras de criança são apresentadas em toda a Coleção Didática Ápis-História, sendo destacadas, principalmente, nos livros do 2º e 3º ano, e a partir do 4º e 5º ano ainda que sejam abordadas, tem menos ênfase.

O livro do 2º ano aborda a brincadeira em diferentes contextos de vida da criança, levando a perceber que esta prática está presente tanto no seu ambiente familiar quanto no escolar e em outros espaços, como é abordado no item denominado para brincar no recreio: “a convivência na escola significa também brincar com os colegas [...]” (Idem, 2011, p.73). A temática é apresentada como problemática, como informação histórica e também como uma atividade de confecção de brinquedo realizada pelas crianças. Nota-se, nessa abordagem, como é pensado pelos autores a apresentação de um assunto, no caso, as regras, propondo inicialmente que as crianças confeccionem um brinquedo (a peteca), e a partir desta criação já comecem a se divertir. Em seguida, vem a informação histórica que conta a história da peteca, para depois levar a criança a pensar no que foi feito e a compreender a importância de se respeitar as regras, como pode se observar na citação a seguir:

A peteca tem história

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, viram os indígenas brincando com uma trouxinha de folhas cheias de pedras amarrada a uma espiga de milho que chamavam de peteca, que em tupi significa “bater”.

Alguns séculos depois, nos Jogos Olímpicos de 1920, na Bélgica, os atletas brasileiros levaram a peteca para se divertir nos intervalos das competições. Atletas e técnicos de outros países [...] queriam de todo jeito conhecer suas regras. O chefe da delegação brasileira teve de explicar que esse jogo ainda não tinha regras. (VON apud VESENTINI; MARTINS; PÉCORA, 2011, p.74)

Reafirma-se a atenção dos autores ao considerarem o cotidiano da criança quando o inserem nos assuntos abordados no livro didático e novamente destacarem as práticas de brincar como prática cotidiana. Além de ser apresentada como problemática e informação, as práticas de brincar são mostradas por meio de ilustrações e fotografias, apresentadas em diferentes espaços e tempos, auxiliando a compreensão da criança.



Nesse aspecto, verifica-se que a presença desta prática no cotidiano de diferentes famílias, sociedades e épocas, dialoga com a ideia exposta por Bragagnolo, Rivero e Wagner (2013) que entendem o brincar como uma ação social e como recurso comunicativo das crianças ao considerarem suas experiências cotidianas vividas. Isso nos leva a conclusão de que a brincadeira, entendida aqui, como práticas de brincar, estão inseridas no cotidiano das crianças e são reforçadas como tal na proposta deste livro.

No livro didático do 3º ano, a brincadeira, a princípio, aparece no item “Aprendendo com os amigos”, como uma problemática que fará com que a criança pense sobre a temática por meio de imagens, mas sem nenhuma informação histórica, como se pode observar na questão descrita no livro:

- 1) Observe as fotos.
  - a) Você conhece as brincadeiras mostradas nas fotos? Quem as ensinou a você?
  - b) Você já ensinou alguma brincadeira a alguém? Qual?
  - c) O que se pode aprender durante as brincadeiras? (Idem, 2011, p. 29)

Mais adiante, a coleção propõe à criança a percepção das mudanças e permanências e as diferentes formas de se brincar, à medida que, ela melhor compreenda o que significa brincadeira e sua importância, pois os conteúdos passam a trazer informações históricas que lhe possibilita criar um conceito próprio.

Um dos conteúdos deste livro denominado “Brincando ontem e hoje”, também ressalta que a brincadeira sempre fez parte do dia-a-dia das crianças. Visto que há diversas brincadeiras, algumas realizadas com brinquedos, e outras sem brinquedos, e que estes ao longo do tempo modernizaram-se, alguns deixaram de ser confeccionados e outros foram criados. Nesse enfoque, a criança é levada a perceber essas transformações na informação a seguir:

Os brinquedos e o lazer sempre existiram entre os grupos humanos. Carrinhos de madeira, brincadeiras de roda, jogos com bola, bonecas de palha de milho, skate, cavalo de pau, vídeo games, jogos de computador...Com brinquedos comprados, feitos em casa e até mesmo sem brinquedo nenhum, as crianças do mundo inteiro brincam. E sempre foi assim, porque brincar faz parte da vida. (Idem, 2011, p. 64)

É perceptível, nesta temática, que a estrutura da vida cotidiana defendida por Heller está igualmente relacionada com as práticas cotidianas, que na coleção são apresentadas como parte da vida cotidiana, sendo aprendidas de gerações em gerações nos contextos em que vivem.

Com base no levantamento feito neste livro, observa-se que a brincadeira é bem presente e que seus autores compreendem a importância de trabalhá-la conceitualmente, além de apresentar à criança diversos tipos de brincadeira em diferentes contextos.

Enquanto que no livro do 4º ano, a brincadeira é abordada no capítulo 2 e trata sobre os modos de vida do campo e da cidade e apresenta a temática relatada nas lembranças de pessoas inseridas nas atividades que auxiliam na compreensão da criança sobre as diferenças e semelhanças nesses espaços.

Em outro contexto, a brincadeira é apresentada no capítulo 7 que descreve sobre os direitos humanos, afirmando que toda criança tem direitos e deveres, estes por vezes assegurados em lei como na Declaração dos Direitos da Criança que afirma “a criança tem o direito de brincar e de receber uma educação de qualidade”. (p. 127). Neste capítulo também é apresentado como as crianças indígenas brincam, quais seus brinquedos e onde brincam, além de salientar a importância do ato de brincar neste espaço que têm a finalidade de divertir, educar e cumprir regras. Objetivos esses, que são ensinados desde cedo por meio da brincadeira para que elas quando adultas executem suas tarefas.

Por fim, no livro do 5º ano as brincadeiras aparecem menos intensamente, sendo evidenciadas somente no item: Brincando nas comunidades indígenas, em que ressalta os jogos e brincadeiras desses povos. Para dar início ao assunto propõem-se uma problemática às crianças com questões sobre quais brincadeiras preferem, onde costumam brincar e se as brincadeiras são individuais ou coletivas. Como continuidade, é apresentada a informação acerca de alguns tipos de brincadeiras presentes em diferentes tribos, direcionando, em seguida, uma atividade para que a criança responda quais brincadeiras indígenas ela conhece e fazem parte de sua vida diária.

## Considerações Finais

O ensino de História no Brasil, no decorrer dos anos tem passado por grandes reformulações curriculares, e uma delas foi a preocupação de inserir nas orientações deste ensino a abordagem do cotidiano. Tal temática tem ganhado importância na historiografia, uma vez que traz “outras histórias”, de pessoas que eram excluídas da produção histórica.

As mudanças teóricas na disciplina de História, presentes na coleção, acompanham as mudanças curriculares para este ensino. Portanto, compreende-se que esta coleção está dentro das novas orientações curriculares para o ensino de história e discute as questões relacionadas ao cotidiano, contrapondo-se a história tradicional que entre outras elegeu os grandes heróis e tratou a história como política.

Os estudos teóricos resultaram na percepção de que a prática de brincar é uma ação social e está relacionada diretamente às práticas sociais cotidianas. Percebe-se, a partir das ideias dos autores acima citados, que a maioria deles compartilha do mesmo conceito sobre as práticas de brincar, complementando suas ideias e em algumas vezes recorrem aos mesmos teóricos. Percebe-se também que as práticas de brincar abordadas são mais praticadas pelas crianças.

Na análise realizada, verifica-se que nos dois primeiros livros da coleção, os conteúdos são curtos, isso intui que é considerada a faixa etária das crianças. No livro do 2º ano, a história da brincadeira é apresentada como uma ideia inicial, sendo ampliada nos anos seguintes. Nos demais livros, os conteúdos passam a ser mais longos e com mais capítulos.

A coleção didática Ápis-História ao enfatizar os temas ligados ao cotidiano e também às práticas de brincar, ressalta o cotidiano tanto no livro didático, quanto nas brincadeiras que são referenciadas na coleção, e igualmente, as brincadeiras estão presentes na coleção e no cotidiano apresentado.

## Referências

ALMEIDA, M. T. F.; CASSIMIRO; M. A. D'Ávila, e QUEIROZ, F. C. **Crianças como informante do seu processo de desenvolvimento**: reflexões sobre experiências de Pesquisas tendo crianças como informantes. In: XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste: Anais [Recurso Eletrônico] Organizadores: Alfredo Macedo Gomes e Telma Ferraz Leal, Local: Recife, Brasil: 2013.

BRAGAGNOLO, R. I; RIVERO, A. S. e WAGNER, Z. T. **Entre meninos e meninas, lobos, carrinhos e bonecas**: a brincadeira em um contexto da educação infantil. In: 36ª Reunião Nacional da ANPED –, Goiânia-GO, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/165-trabalhos-gt07-educacao-de-criancas-de-0-a-6-anos>.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História e Geografia. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BURK, Peter (Org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CARNEIRO, G. A. P. **Na algazarra das brincadeiras e no acalanto das histórias e músicas**: os primeiros aprendizados de criança (Caetité-ba, 1910-1930). In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, Cuiabá-MT, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7>

CARVALHO, N. C. e SANTOS, T. R. L. **Saberes do brincar na ilha de Colares/Pará**. In: XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Anais do EPENN. Trabalhos completos. Edição atual Nº XXI, 2013. Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

CORREIA, K. S. **Brincadeira na educação infantil: concepções de uma professora**. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste. Anais [Recurso Eletrônico] / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. – Natal, RN, 2014.

FONSECA, S. G. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papyrus, 1993.

GOFF, J. L. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas – SP. Ed. UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

GOUVÊA, E. G. Os saberes lúdicos sob o olhar das crianças na escola. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste. Natal, Brasil: **Anais [Recurso Eletrônico]** / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. – Natal, RN, 2014.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MATOS, M. I. S. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e cultura. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MAYNART, R. C. e HADDAD, L. **A compreensão das relações de parentesco pelas crianças na brincadeira de faz de conta em contexto de educação Infantil**. In: 35ª Reunião Anual da ANPEd, Porto de Galinhas-PE, 2012. Disponível em: <http://www.35reuniao.anped.org.br/trabalhos/106-gt07>

PONTE, A. E. S.; SODRÉ, L. G. P. A escola e o brincar: o que dizem as crianças do 1º ano do ensino fundamental sobre o brincar na sala. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste. Natal, Brasil: **Anais [Recurso Eletrônico]** / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. – Natal, RN, 2014.

SALGADO, R. G. “**Pares ou ímpares?**”: consumo e relações de amizade entre as Crianças na formação de grupos para brincar. In: 33ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu-MG, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/internas/ver/trabalhos-gt07>

SALGADO, R. G; FERRARINI, A. R. K. e LUIZ, G. M. **Crianças mirando-se no espelho da cultura**: corpo e beleza na Infância contemporânea. In: 35ª Reunião Anual da ANPEd, Porto de Galinhas-PE, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/106-gt07>

VESENTINI, J. W.; MARTINS, D.; PÉCORA, M. **Ápis**: História. São Paulo: Ática, 2011. Obra em 4 v. para alunos do 2º ao 5º ano.

WEBER, S.; CARVALHO, N. C. Brinquedoteca hospitalar: um espaço para brincar e aprender. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste. **Anais [Recurso Eletrônico]** / Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. – Natal, RN, 2014.